

Minayo, M. C., & Costa, A. P. (2019). *Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: Pesquisa qualitativa em ação* (1ª). Oliveira de Azeméis - Aveiro - Portugal: Ludomedia.

Tenho imenso gosto de resenhar a obra nascida em 2019, da autoria de Maria Cecília de Souza Minayo e António Pedro Costa, um livro cujo nome já inspira a leitura “Técnicas que fazem o uso da palavra do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação”.

A primeira autora é uma pesquisadora brasileira, a Minayo, como nós da saúde a conhecemos, amplamente familiarizada pelo público brasileiro e internacional, especialmente pelos seus escritos acerca da pesquisa qualitativa. Uma referência obrigatória para todos os pesquisadores que desejam fazer estudos criteriosos, rigorosos, sensíveis e éticos. Uma escritora profícua há décadas produzindo conhecimentos e uma pessoa encantadora, conquista pelo conteúdo e pela forma de comunicar-se conosco, os eternos aprendizes da pesquisa qualitativa.

O segundo autor é um pesquisador português, mais jovem, mas com talento especial em transformar a vida dos pesquisadores de metodologia qualitativa mais amena (há controvérsias no “ameno”), principalmente quando se trata de técnicas e métodos de análise de dados qualitativos. O inventor do webQDA, nascido português e “exportado” para outras línguas. Tem especial gosto em explorar a linguagem digital e construir ferramentas alicerçadas em denso conhecimento acerca das necessidades dos pesquisadores na hora de se debruçar sobre os dados e, a parte que para mim faz mais sentido, um ser humano de qualidade inegável.

Uma bela parceria, só poderia dar em uma obra como esta!

Agora, sobre o livro: ele é pequeno, denso, bem fundamentado, mas de leitura deliciosa para todos, os iniciantes na pesquisa e os que já tem mais de meio caminho andado.

Começo os comentários pelo final pois um pedaço das considerações finais pode ajudar a entender a que este livro veio e a que se propõe. Nesta parte, o livro refere: “(...) tornar acessíveis os procedimentos mais utilizados para realização da pesquisa qualitativa e, igualmente, fundamentá-los de forma a *permitir aos aprendizes e usuários do método, uma segurança epistemológica quanto à cientificidade do processo e das operações* (grifo nosso). Em comparação com outros textos já publicados, neste existe uma *novidade*: a apresentação de um software, o *webQDA, que facilita a codificação do material qualitativo e uma análise preliminar dos dados empíricos, o que precisa ser completado com uma reflexão* de “segunda ordem” que contextualiza e coloca o

objeto de estudo em interconexões com estudos semelhantes nacionais e internacionais” (p. 53).

A obra aborda de forma resumida, porém bastante completa, o percurso histórico das chamadas pesquisas qualitativas, cuja preocupação metodológica remonta ao final do século XIX e início do século XX, podendo ser vista em várias partes do mundo. (...) “Pode-se dizer que ela acompanha a construção da ciência moderna e pós-industrial. Suas diversas denominações foram criadas a partir de estudos filosóficos e grupos seminais de investigação na Alemanha, Estados Unidos e na França, e de forma mais recente, na produção ibero-americana” (p. 53).

Ainda, os autores reafirmam que “(...) desde a Antiguidade até a Modernidade e chegando à Pós-Modernidade, o esforço para entender o ser humano no mundo e como sujeito da sua história nunca deixou de existir. E que, a filosofia, a sociologia compreensiva e a prática da pesquisa qualitativa empírica ou documental têm um valor indiscutível para compreensão e interpretação da realidade. Isso é particularmente válido para o século XXI, com suas relevantes transformações e avanços e os dilemas que afetam a vida social e individual” (p. 54).

Passo a destacar as partes componentes, muito bem articuladas, com eixo definido, o que facilita imensamente a leitura:

Inicia com os *Fundamentos da pesquisa qualitativa* no qual os autores referem que a matéria prima da pesquisa qualitativa é um conjunto cujos sentidos se complementam, dando clareza ao título: experiência, vivência, senso comum e ação. E *compreender* no sentido Gadameriano é o verbo principal da análise qualitativa.

Abordam os fundamentos das técnicas de campo que “(...) constituem o delineamento das estratégias de campo [e] são fundamentais como parte operacional da pesquisa e como práticas teóricas”; e os fundamentos da análise para não permitir que “(...) o trabalho [pare] na mera justaposição de frases ainda que relevantes (como se a análise consistisse numa duplicação organizada do que foi ouvido e registrado pelo pesquisador em campo), ou numa codificação, mesmo que fantástica, ajudada por tecnologias” (p. 12).

No capítulo referente a *Técnicas que fazem uso da palavra, da observação e da empatia*, os autores desdobram as partes: técnicas que fazem uso da palavra tais como a entrevista individual, grupal, semiestruturada, aberta, roda de conversa, brainstorming, brainstorming silencioso, entre outros; técnicas que fazem uso do olhar e da convivência tais como a observação participante e suas modalidades.

Ressalto, pois considero uma pérola da obra que: a empatia é o fio que costura a intersubjetividade e a Objetivação e citando Gadamer (1999) “A *empatia* não é uma técnica, é uma atitude humana que busca compreender a situação do outro, esforçando-se para se colocar em seu lugar” (p. 22).

O capítulo que trata das *Técnicas de análise de dados* deve ser lido com muita atenção, desde o início, pois “uma boa análise começa com a compreensão e a internalização dos termos filosóficos e epistemológicos que fundamentam a investigação do ponto de vista teórico”. Acrescentam que os “softwares de análise de dados qualitativos devem permitir que o pesquisador construa o seu projeto, de acordo com o referencial teórico e os métodos e técnicas preconizados” (p. 25).

Para mim, o ponto mais alto deste livro está no capítulo *Questões epistemológicas referentes aos instrumentos*, desdobrados em distintas dimensões da dialética, a saber: Dialética entre Senso Comum e conhecimento Científico; Dialética entre representação e representatividade, escolhendo novamente Gadamer (1999) “(...) que ressalta, em sua hermenêutica filosófica, a dialética entre o grupo cultural e o indivíduo. (...) cada individualidade é uma manifestação do viver total, embora ela não represente a totalidade do viver coletivo. Por isso, *a fala de cada um deve ser valorizada* (grifo nosso), uma vez que o sujeito não se esgota na conjuntura em que vive e nem sua ação e pensamento são meros frutos de sua vontade, personalidade e desejo. Sua narrativa precisa ser balizada pelo pensamento dos outros, pois é também reveladora do grupo em que está inserido e de seu tempo histórico. Toda singularidade está entranhada de cultura” (p. 32).

O livro reporta também à *Dialética entre a Objetividade e Subjetividade e aos Critérios de Fidedignidade e de Validade*.

O último capítulo trata dos *Exemplos práticos baseados no [uso do] webQDA*: este é o capítulo mais longo e mais tecnicamente difícil para os pesquisadores não familiarizados com o webQDA ou outro software de análise. Nele desmembra itens e tópicos substantivos da aplicação de software para auxílio da análise qualitativa, destacando o *Trabalhar os dados*; *O ato de interpretar*; e *O ato de inferir*.

“O Sistema de Codificação é o “cérebro” de um projeto de investigação no webQDA. É o próprio pesquisador que escolhe, cria e interpreta as palavras e frases do seu *corpus* de dados disponibilizado no Sistema de Fontes.” (p. 34).

Concluo a resenha dizendo que há obras que anteriormente lidas ajudaram a compreender melhor (por ex, os livros de metodologia da Maria Cecília Minayo, António Pedro Costa, Eunice Nakamura, Pedro Demo, Vilma de Carvalho, entre outros). E há outros livros que poderão aprofundar o tema, especialmente na parte da episteme e, neste caso, sugiro a Filosofia da Práxis do Vázquez (1977).

Para mim, o presente livro Minayo & Costa vem reafirmar (e permitir operar) o que anteriormente advoguei: “A qualidade nas pesquisas qualitativas depende da adoção de um marco teórico filosófico que possa abranger fenômenos complexos e não redutíveis a descrições puramente numéricas; do objeto a ser estudado e do quanto ele comporta uma aproximação qualitativa; da metodologia e do caminho metodológico, que devem ser escolhidos de forma a iluminar o fenômeno em totalidades-parte e

ao final reconstruí-lo em síntese das contradições a serem superadas; da rigorosidade e da transparência do quadro teórico e do caminho metodológico, das categorias de análise e das técnicas de análise dos dados; da análise aprofundada dos achados mediante intertexto com resultados de outras pesquisas, amplas e atuais; da síntese que contemple as dimensões do singular, do particular e do geral; da ética na condução da pesquisa e na devolução e na divulgação dos resultados”. (Egry & Fonseca, 2017, p. 45)

## Referências

Egry, E. Y. & Fonseca, R. M. G. S. da. (2017). On the Quality of Qualitative Research in Nursing. In A. P. Costa, L. P. Reis, F. N. de Souza & A. Moreira. (Org.). *Advances in Intelligent Systems and Computing - Computer Supported Qualitative Research*. (pp. 39-45) 1ed. Cham: Springer.

Minayo, M. C. S. & Costa, A. P. (2019). *Técnicas que fazem uso da palavra do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação*. Aveiro: Ludomedia.

Vázquez, A. S. (1977). *A filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Emiko Yoshikawa Egry

Universidade de São Paulo/ Escola de Enfermagem/  
Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, São Paulo, Brasil.

**Soeiro, M. (2017). *A Biologia na promoção da literacia científica. Bioliteracia como um desafio para a Escola*. Novas Edições Acadêmicas - Amazon.**

Apesar de não o mencionar no decurso do texto, pois há apenas uma referência na contracapa, este livro de Maria da Conceição Soeiro foi escrito no âmbito da investigação que deu lugar à sua Tese de Doutoramento. Nele, a autora refere como na Escola, em Portugal, são tratadas as temáticas das ciências naturais, com incidência na disciplina de Biologia.

Talvez se sinta falta da questão de partida que norteia o discurso de Soeiro, na introdução do livro, mas que surge explicitamente na sua Tese de Doutoramento<sup>1</sup> e que merece leitura: *Qual a compreensão em bioliteracia dos alunos do ensino secundário na área de ciências e em que medida esta corresponde aos objetivos fixados no discurso político e nos normativos legais?* Uma vez que seria interessante compreender onde se situam os pés da autora, como defende tão eloquentemente Lippman (2004, p.44): “The facts we see depend on where we are placed, and the habits of our eyes.”

Soeiro (2017) convida-nos a reconhecer a relevância da ciência e da tecnologia para o nosso quotidiano, numa abordagem naturalmente simples, conduzindo-nos à importância da literacia científica e do seu impacto no “exercício de uma cidadania plena” (Soeiro, 2017, p. 5). Esta construção inicial prepara-nos para o entendimento de como a bioliteracia está presente, tanto no discurso das políticas educativas, como no discurso da Escola, mais especificamente no Ensino Secundário.

O livro divide-se em dois capítulos, além da introdução, conclusão e bibliografia. Se no primeiro capítulo - *Bioliteracia e Cidadania: um desafio para a Escola* - a autora procura defender que à Escola cabe a função da promoção da literacia científica; já no segundo capítulo - *Os decisores políticos e a reestruturação do ensino secundário, no início do século XXI* - a autora percorre vários momentos da História da Educação terminando com uma abordagem a instrumentos de avaliação internacionais como é o caso do PISA: Programme for International Student Assessment, desenvolvido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.

Soeiro localiza temporalmente o início da discussão, em torno da literacia científica, com a década de 50 do século passado através da obra de Hurd (1958) e de MacCurdy (1958) revelando que a discussão, embora seja actual, não é nova e que tem vindo a merecer a consideração de diversos autores e instituições nomeadamente ao incluir

as Ciências numa das três áreas avaliadas pelo PISA. Faz, portanto, um bom retrato da arte no que respeita à literacia científica.

Deste modo, a autora reitera a relevância da literacia científica na Escola: “é fundamental que as políticas educativas contemplem nos seus programas uma formação mais sólida em literacia científica” (p.9). Reforça ainda a sua perspetiva ao defender a importância dos conhecimentos dos alunos para o mercado de trabalho e para o seu prosseguimento de estudos, no ensino superior. Além disso, Soeiro não é inocente ao colocar parte da tónica do seu discurso na dimensão económica e do exercício da democracia: “O confronto, quase diário, dos estudantes com uma linguagem promotora da globalização económica e expansão ilimitada põe em risco as liberdades dos indivíduos e o próprio futuro do planeta (pp. 9-10), e na dimensão “das crises ambientais” (p. 10). Assim, o interesse da bioliteracia é suportado, por Soeiro, pelas “mudanças económicas, sociais e culturais resultantes de descobertas científicas e tecnológicas no âmbito das ciências biológicas.” (p. 11).

A autora dedica uma parte da economia textual do discurso político nacional merecendo-lhe diversas transcrições de vários decisores o que lhe permite concluir que “a expressão cultura científica não teria sido inserida em muitos discursos dos parlamentares, de acordo com a investigação que realizamos em diversos anos” (p. 26). Como também no discurso perpetuado pela Escola através, por exemplo, dos programas curriculares da disciplina de Biologia e de Geologia, pelo que conclui: “a partir de grande parte dos conteúdos propostos para o ensino da disciplina de Biologia e Geologia, os professores poderão alcançar os objetivos definidos pelo Ministério da Educação” (p. 35).

Ainda no primeiro capítulo, são analisados os níveis de proficiência dos alunos, em Ciências, tendo em conta o Programa PISA. Esta abordagem permite-lhe, por exemplo, legitimar o seu ponto de vista perante o ainda baixo, mas crescente, nível de certificação do ensino secundário dos portugueses em comparação com o de outros países da Europa.

Na conclusão do livro, a autora remete para o seu objetivo geral: “pretende-se refletir sobre o nível de bioliteracia dos alunos portugueses, e que estudaram segundo as diretrizes programáticas e pedagógicas da reforma da política educativa de 2004 e demais alterações que lhe sucederam.” (p. 81). E termina com a atribuição à Escola, da responsabilidade de promover a bioliteracia dos jovens.

Considero que o livro “A Biologia na Promoção da literacia científica” de Maria da Conceição Soeiro é uma obra de leitura fácil com um bom suporte de registos do discurso político e do discurso regulador. Além disso, disponibiliza vários dados numéricos e quantitativos sobretudo da OCDE. É, portanto, uma obra obrigatória para quem trabalha a temática da literacia e da sua relação com a Escola.

**Nota**

<sup>1</sup> Acedido em: 3 de maio, 2019, em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/6103>

**Referência**

Lippmann, W. (2007). *Public Opinion*. Filiquarian Publishing, Minnesota.

**Ana Sofia António**

Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares  
em Educação e Desenvolvimento (CeIED)